

Tales Faria

Jair Bolsonaro: “Seria melhor perder do que desistir”

O ex-presidente Jair Bolsonaro mandou o seguinte recado aos aliados: “Não há hipótese de Flávio [seu filho senador, Flávio Bolsonaro (PL-RJ)] desistir da candidatura a presidente da República.”

Segundo o chefe do clã Bolsonaro, “seria melhor perder as eleições do que desistir”. Mas ele também avisou que não acredita em derrota.

Bolsonaro avalia que “será superado antes das eleições” o episódio da gravação em que Flávio pediu dinheiro – e conseguiu pelo menos R\$ 134 milhões – a Daniel Vorcaro, dono do Banco Master que está preso, para supostamente produzir um filme biográfico sobre o ex-presidente.

Foi o próprio Flávio quem transmitiu o recado de seu pai aos aliados. O senador acrescentou que se sente “mais convicto de concorrer” depois de ter recebido “esse incentivo”.

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro está também pedindo aos seus seguidores que não façam pressões contra Flávio, para não parecer que quer “tomar o lugar” do candidato.

O que isso tudo significa?

Significa que Jair Bolsonaro não pretende entregar o seu espólio eleitoral e político a ninguém que não sejam seus filhos. Isso inclui até mesmo sua mulher, Michelle, segundo relato de aliados.

Sem desistir da candidatura, a derrota de Flávio nas eleições de outubro seria ruim, mas a hegemonia do clã na ultradireita do país poderá se manter. Essa hegemonia é que o clã considera fundamental.

O movimento do mercado financeiro após o vazamento do pedido de Flávio a Vorcaro deixou os Bolsonaro mais convencidos ainda de que a direita e a elite financeira e empresarial, chamada “Faria

Lima”, não aceita um governo de esquerda.

Os juros pagos pelo Tesouro para financiar a rolagem da dívida pública subiram rapidamente. Títulos com vencimento em 2032, por exemplo, que remuneravam IPCA + 7,63% ao ano na terça-feira, 12, fecharam em IPCA + 7,86% nesta sexta, 15.

O problema é que não há entre os aliados políticos de Bolsonaro a visão de que esta seja a melhor decisão para eles. Se Flávio for derrotado em outubro, muitas candidaturas e muitos cargos públicos no país serão perdidos. Junto, há o risco de que esses aliados não consigam se eleger mais adiante.

Então a estratégia do clã é vista como um risco à sobrevivência dos aliados.

Flávio e os demais membros da família ainda são novos e poderão disputar outras eleições, inclusive a presidencial de 2030.

Quanto ao próprio Jair Bolsonaro disputar em 2030, as esperanças são cada vez menores. Não bastassem os problemas jurídicos que resultaram de sua condenação a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de estado, há ainda problemas políticos de falta de apoio do centrão a uma anistia total para o ex-presidente.

Além disso, há a questão da saúde precária.

Segundo o relatório semanal de saúde enviado por seus médicos, nessa sexta-feira, 14, ao Supremo Tribunal Federal (STF), Bolsonaro segue em acompanhamento domiciliar após a cirurgia realizada no ombro direito no início do mês.

O ex-presidente apresenta um quadro persistente e inalterado de instabilidade do equilíbrio corporal. Não se sabe ainda se as dores que sentia no ombro estarão definitivamente afastadas.

Fernando Molica

Bibiana, Belonísia e Samuel na pista

Ao escolherem os romances “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior, e “A cabeça do santo”, de Socorro Acioli, para seus enredos em 2027, a Vila Isabel e a Tijuca reforçam um diálogo com a literatura brasileira contemporânea como fizeram Portela e Grande Rio em 2024 (que, respectivamente, buscaram inspiração em “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves, e “Meu destino é ser onça”, de Alberto Mussa).

Não é de hoje que escolas de samba adaptam obras de ficção — a Portela, em 1966, desfilou com “Memórias de um sargento de milícias”, do livro de Manuel Antônio de Almeida, e, em 1975, com “Macunaíma”, de Mário de Andrade. A Imperatriz, em 1972, levou para a Avenida sua leitura do poema “Martim Cererê”, de Cassiano Ricardo.

Mas ao apresentarem enredos baseados em obras de autores vivos, que continuam a escrever e lançar livros, as escolas estabelecem um diálogo ainda mais interessante, provocam o espectador, estimulam leituras e geram uma importante tensão, uma conversa entre duas formas de expressão artística bem diversas a partir das suas origens: o trabalho solitário do escritor e a elaboração coletiva de um desfile.

Adaptações de livros de ficção para o cinema e TV são muito comuns, mas, de um modo geral, tendem a seguir a estrutura concebida pelos romancistas. Já as apresentações de escolas de samba têm outra lógica narrativa, muito mais ligada ao universo das artes plásticas e da música. Como frisava Joãozinho Trinta, são uma forma de ópera, gênero que, até a chegada do cinema, era o que mais reunia diferentes formas de expressão artística.

Os desfiles, porém, são ainda mais abstratos e abertos que as óperas, estas, presas a uma partitura e a um libreto. Apenas jurados e alguns iniciados radicais — a bolha da bolha do Carnaval — assistem às escolas com o roteiro (o “Abre-Alas”) em mãos. A própria lógica do desfile impede uma tradução mais literal do texto do livro que lhe serviu de base; o que se vê no Sambódromo é uma interpretação livre do que foi escrito, uma grandiosa obra de arte que, como algumas pouquíssimas espécies vegetais, só floresce uma vez, um desfile é único e sempre particular — literalmente, ninguém pode vê-lo da mesma forma.

A adoção desses livros também serve de um baita estímulo para a literatura brasileira contemporânea. “Torto arado” e “A cabeça do santo” são dois ótimos exemplos de produção brasileira atual e de qualidade que conseguiram romper o círculo dos iniciados e conquistaram público bem mais amplo (o livro de Itamar ultrapassou a casa do milhão de exemplares vendidos).

Falar deles é também frisar a importância das outras histórias aqui concebidas e narradas, romances, contos, crônicas e poemas que tratam de nossas vidas, propõem novas formas de encarar nossos perrengues, esperanças, desilusões, amores, esquisitices, indicam as infinitas possibilidades de fé e de convivência com nossas diferenças, ressaltam o idioma que herdamos e reinventamos a cada dia.

Ao levar Bibiana, Belonísia, Samuel, Mariinha e Rosário para o Sambódromo, Vila e Tijuca nos jogam também na pista e nos carros alegóricos, fazem com que sejamos protagonistas; leem e reescrivem histórias que, assim, nunca terminam.

EDITORIAL

Visita de Lula reforça importância da ciência

A visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Campinas nesta segunda-feira (18) ultrapassa o simbolismo político e representa um gesto estratégico para o futuro do país. Em um cenário internacional marcado pela disputa tecnológica, pelas crises climáticas e pelos desafios na saúde pública, investir em ciência e inovação deixou de ser apenas uma escolha administrativa: tornou-se uma questão de soberania nacional.

A inauguração de quatro novas linhas de luz síncrotron do acelerador de partículas Sirius, no Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), reforça a importância de consolidar o Brasil como produtor de conhecimento de alta complexidade. O Sirius não é apenas um equipamento científico de ponta. Trata-se de uma das infraestruturas mais avançadas do mundo, capaz de colocar pesquisadores brasileiros em condições de competir internacionalmente em áreas estratégicas como saúde, agricultura, nanotecnologia, energia e desenvolvimento de novos materiais.

Durante décadas, o Brasil conviveu com ciclos de descontinuidade em políticas científicas. Cortes de verbas, desvalorização da pesquisa e fuga de cérebros comprometeram projetos importantes e fizeram o país perder competitividade internacional. Ao mesmo tempo, países que compreenderam o valor da ciência ampliaram investimentos em universidades, laboratórios e inovação tecnológica, transformando conhecimento em desenvolvimento econômico e influência geopolítica.

O Sirius simboliza justamente o caminho oposto ao atraso. O fato de

até 90% de seus componentes terem sido desenvolvidos ou produzidos no Brasil demonstra que investir em pesquisa movimenta cadeias produtivas, fortalece a engenharia nacional e cria empregos altamente qualificados. Ciência não é gasto: é investimento capaz de gerar retorno econômico, tecnológico e social.

A pandemia de Covid-19 evidenciou o quanto países dependem da capacidade de produzir vacinas, diagnósticos e tecnologias médicas. Nesse contexto, o lançamento da Pedra Fundamental do Programa Nacional de Inovação Radical em Saúde surge como iniciativa relevante para ampliar a autonomia brasileira em áreas estratégicas do Sistema Único de Saúde (SUS), reduzindo dependências externas e estimulando soluções nacionais.

Também não é coincidência que Campinas tenha se consolidado como um dos principais polos científicos e tecnológicos do país. A presença de universidades, centros de pesquisa e empresas de tecnologia demonstra como conhecimento e desenvolvimento caminham juntos. Regiões que investem em educação, ciência e inovação tendem a gerar riqueza, melhorar indicadores sociais e ampliar oportunidades para a população.

Num mundo cada vez mais orientado pela tecnologia, negligenciar a ciência significa condenar o país à dependência. Valorizar pesquisadores, financiar universidades e fortalecer estruturas de pesquisa são passos essenciais para que o Brasil deixe de ser apenas consumidor de tecnologia e passe a ocupar posição de protagonismo global.

Opinião do leitor

IA e urnas eletrônicas

Os dois principais desafios do Ministro Nunes Marques, do Tribunal Superior Eleitoral. Quanto ao primeiro é importante, pois a sua utilização permite a falsificação de aparências e vozes de pessoas. No tocante ao segundo concordo que elas são confiáveis e auditáveis, mas com a implementação do voto impresso serão mais ainda.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.